# There's only Gaia but Gaia is not One - 31/12/2021

\_Sobre uma nova agência que explica a vida na Terra, a partir de  
Lovelock\*\*[i]\*\*\_  
  
\*\*1\. Galileu, Lovelock: duas descobertas simétricas\*\*. A respeito da  
simetria, para Latour, se Galileu enfileirou a Terra no rol de planetas  
parecidos, Lovelock a trata como único, ou seja, fomos para o infinito, mas  
voltamos para nossos limites. Já em 65, em Pasadena, Lovelock dizia que ao  
invés de enviar grandes foguetes para buscar vida em Marte, bastaria um  
simples instrumento para verificar se sua atmosfera seria inerte ou não[ii].  
  
Galileu, ao verificar sombras na Lua, traz uma nova concepção de cosmos em que  
não há mundo sublunar, mas também uma chaga filosófica que faz dos astros  
“bolas de bilhar” com as qualidades primárias de extensão e movimento. Isto é,  
todo o universo, infinito porquê seguidor das leis da natureza, é uma \_res  
extensa\_ cartesiana. Porém, dentro dessa \_res extensa\_ infinita, Lovelock  
postula que Vênus, Lua, etecetera, são mortos pois estão em equilíbrio químico  
ao passo que a Terra é viva pois seu desequilíbrio químico nos permitiu  
superar todas as adversidades as quais passamos, sejam vulcões ou meteoros,  
por bilhões de anos. Mas, prossegue Latour, essa força terrena é uma agência  
cuja \_potência de agir\_ precisa ser investigada e, assim, estamos de volta ao  
mundo sublunar.  
  
É a pergunta que traz Latour das ideias de Lovelock: por que temos o  
privilégio de sermos um planeta vivo[iii]? A despeito de seu envoltório para  
manter as diferenças internas e externas, Lovelock traz as qualidades  
secundárias para o primeiro plano, isto é, a terra e seu  
\_comportamento\*\*[iv]\*\*\_ , muito além do movimento descoberto por Galileu e  
que, lá, instalou uma dúvida que agora se renova. Se não somos o centro do  
universo como pensavam os antigos, estamos presos em nossa atmosfera local,  
sozinhos. Sublinha Latour que não há como escaparmos para o espaço, teremos  
que nos ver aqui embaixo.  
  
\*\*2\. Gaia, um nome mítico perigoso para uma teoria científica\*\*. Se é Gaia o  
nome que Lovelock escolhe para batizar sua teoria, Latour a investiga na  
mitologia grega, onde Gaia aparece não como uma deusa ou figura harmoniosa,  
mas controversa que traz bons conselhos ao mesmo tempo que aterroriza e é  
impiedosa. Bem, se há uma maldição a respeito de Gaia e, não obstante os  
avisos recebidos para não levar Lovelock a sério, Latour explica que  
persistiu, pois também teria sido difícil levar Galileu a sério lá pelos idos  
de 1610. Mas o problema ocorre, segundo ele, ao fazer da distinção galileana  
de qualidades primárias e secundárias, necessária para sua abordagem, a  
distinção moderna Cultura / Natureza[v] que passa a ser usada como filosofia  
geral que retira da terra qualquer comportamento.  
  
É daí que surge a bifurcação da natureza tratada por Whitehead[vi] e que faz  
com que Gaia não se encaixe nesse esquema, assim como no cosmos medieval não  
cabia o movimento. Porém, uma nomenclatura alternativa como “ciência do  
Sistema Terra” não traduz o que Lovelock propõe sobre uma Terra com sua  
potência de agir. A Gaia de Lovelock não é um todo já composto e nem um  
sistema passivo de seres inertes que mantem viva a sua fina película. Gaia  
que, se não tem alma, a sua natureza também não é de cunho moral quase  
religioso oriunda de Galileu. Gaia é, enfatiza Latour, inteiramente secular,  
isto é, mundana e fora da lei.  
  
\*\*3\. Um paralelo com os micróbios de Pasteur\*\*. Latour, então, faz referência  
a Pasteur quando tentou convencer os cirurgiões de que seus instrumentos  
infectados com micróbios poderiam matar os pacientes, assim como Lovelock  
adverte que somos a doença de Gaia, mantendo-se o desafio de guerra e paz. A  
batalha de Pasteur vem com a inclusão de um agente desconhecido que  
“superanima” o mundo, superando o que era feito na época por uma análise  
estritamente química. Nos exemplos que Latour apresenta, seja da levedura que  
é agente da fermentação ou a potência de agir dos micróbios que eliminavam a  
suposta geração espontânea, há sempre novos objetos que surgem povoando o  
mundo, seja o da metafisica ou o cosmológico (da antropologia).  
  
\*\*4\. Lovelock também está espalhando os micros atores\*\*. Se a microbiologia  
lutou contra químicos eminentes, Lovelock luta contra os geólogos para passar  
da geoquímica para a “geofisiologia”. Conforme mostra Latour, a proporção de  
oxigênio e dióxido de carbono na atmosfera, responsável por adiar o  
desaparecimento do planeta, não é somente uma questão química, mas está ligada  
à erosão das rochas. Trata-se não só de forças geofísicas e geoquímicas, mas  
de uma série de micro-organismos vivos invisíveis que regulam nossa vida, por  
exemplo, evitando a concentração de nitrogênio nos oceanos.  
  
\*\*5\. Como evitar a ideia de sistema?\*\* Ocorre que, segundo Latour, há a  
questão de não superanimar a Terra como organismo vivo: apenas um e único  
agente coordenador. Se Lovelock diz que a Terra se comporta como um sistema  
autorregulado e sugere um ser senciente, isso dá a medida de seu esforço de  
definição de Gaia, mas não significa que se trata de um “Todo Superior”.  
  
\*\*6\. Os organismos fazem seu ambiente, não se adaptam a ele\*\*. Também,  
contrariando Darwin, para Lovelock os organismos não se adaptam ao ambiente,  
mas ajustam o ambiente para eles, manipulando-o em vista de seus  
interesses[vii]. Latour ressalta que Gaia não é uma composição de \_partes  
extra partes\_ , mas de seres que se auto contagiam intencionalmente[viii]. Não  
somente humanos, mas formigas e vírus, enfim, todos agem transformando sua  
vizinhança em prol do que lhes favorecem e isso significa que não se trata de  
antropomorfismo, mas de uma característica geral da qual também participamos.  
Então, não há uma intencionalidade da totalidade, mas uma intencionalidade  
diluída, ou um caos de retroalimentações mútuas.  
  
\*\*7\. Sobre uma ligeira complicação do darwinismo\*\*. Rebatendo a crítica do  
darwinismo, continua Latour, há certo egoísmo no cálculo de interesse de cada  
agente, que de forma alguma é para algum todo superior, isto é, não há um  
planeta vivo lutando pela sobrevivência. Conforme Latour: “se há um resto de  
Providência, é nos darwinianos que corremos o risco de encontrá-la” (p. 168),  
já que o modelo de Darwin tem a sombra de um Criador agindo na seleção  
natural. Latour afirma que a biologia empresta da teoria econômica um modelo  
de cálculo matemático entre uma necessidade interna e o ambiente externo que  
não faz sentido se aplicado para Gaia e seus acasos e ruídos.  
  
\*\*8\. Espaço, filho da história\*\*. Se os evolucionistas insistiram em Gaia  
como um todo, mantendo uma separação entre indivíduo e totalidade, também não  
perceberam que Lovelock não só não toma as partes, como também não usa a  
totalidade para tratar das escalas. Porém, para isso conta com Margulis[ix na  
tarefa de mostrar, por exemplo, que o oxigênio surge no final do Arqueano a  
partir de microrganismos que, se tóxico, permitiu o surgimento da vida e da  
fotossíntese. Ou seja, o veneno trouxe novas perspectivas. Mas aí não há  
diferença de escalas, não há uma res extensa pelo qual os indivíduos se  
espalham, mas campos de interações. Se não há partes extra partes, conforme já  
dito, somos consequência do tempo e de agentes que se desenvolvem de maneira  
contingente e oportuna.  
  
\*\*9\. Antropomorfizar o \_homo economicus\_ na era da geo-história\*\*. De acordo  
com Latour e a teoria de Gaia, então, não há uma natureza em sentido clássico,  
mas um emaranhado de acontecimentos imprevistos e ocasionais na geo-história  
que agora os humanos deixam sua marca.  
  
Entretanto, Latour enfatiza que há um humanoide que calcula, que é econômico e  
que se universalizou trazendo a globalização que impede a homodiversidade. Seu  
padrão de comportamento é o da governança e o homo economicus não passa de um  
cérebro simples de capitalização e consumo com mínimos desejos e preso em sua  
natureza econômica. A modernidade trouxe a divisão entre uma natureza  
necessária e o reino da liberdade humana, mas que agora cai por terra a partir  
do acontecimento geo-histórico que nos deixa a mercê dos acontecimentos não  
humanos. Nos torna humanos imóveis, impassíveis em vias de desaparecer no  
antes espetáculo da natureza.  
  
Por fim, Latour lembra novamente da bifurcação na natureza, de Whitehead, que  
agora se transmuta em qualidades primárias que são de sensibilidade e  
incerteza. Acontece que Latour ressalta que não se trata de uma  
antropomorfização da natureza a partir de nossos valores, mas de nos enquadrar  
nesse novo cenário em que perdemos o papel principal, ainda que na época do  
Antropoceno.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Resenha da Terceira Conferência de Bruno Latour: \_Gaia: uma figura (enfim  
profana) da natureza.\_ Em LATOUR, B. \_Diante de Gaia: oito conferências sobre  
a natureza no Antropoceno.\_ São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê  
de Humanidades Editorial, 2020.  
  
[ii] Tão simples quanto o telescópio de Galileu, mas para descoberta oposta,  
segundo Latour.  
  
[iii] O que quer dizer corruptível, mas animado.  
  
[iv] Potência de agir e comportamento são elaborados na segunda conferência, a  
qual já tratamos.  
  
[v] Precisaríamos voltar à primeira conferência para revisitar o tratamento  
desse tema.  
  
[vi] Autor que teremos que investigar, mas que Latour usa para opor uma  
natureza inanimada à nossa natureza animada.  
  
[vii] Talvez seja possível fazer uma aproximação com Simondon, tópico Evolução  
da Realidade Técnica, referência:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/05/para-uma-educacao-  
tecnica.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/05/para-uma-  
educacao-tecnica.html).  
  
[viii] Isto é, segundo ele, geoquímica \_versus\_ geofisiologia.  
  
[ix] Conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lynn\_Margulis>: Lynn Margulis foi  
uma bióloga e professora na Universidade de Massachusetts. (...) Margulis  
também foi a co-desenvolvedora da hipótese de Gaia com o químico britânico  
James Lovelock, propondo que a Terra funcionasse como um sistema único de  
autorregulação, e foi a principal defensora e promotora da classificação dos  
cinco reinos de Robert Whittaker.